

Dalí e Gala

Ele amava-a. Muito.

Às vezes deixamo-nos deter por um certo fascínio, olhamos para aquelas telas, virtuosamente pintadas e permitimos que um arrepio instantâneo entre pelos nossos olhos e despretensiosamente nos percorra por dentro. Ele consegue produzir sensações nos espectadores do seu próprio sentimento. É excêntrico.

Não é magia, é talento. E acontece por causa dela, por causa da intersecção em que eles se tornaram.

Os sonhos, esses, equilibravam-nos e o surrealismo eram eles, em cada interstício freudiano.

Enquanto Velásquez enquadrava momentos, como se de uma fotografia se tratasse, Dalí partia daí, da admiração por essa obra e imprimia na tela o instante sonhado, volátil, e revelava-o estável na sua fragmentação interior.

E ela estava sempre lá. Ele capturava-a, sempre, nesses momentos fugazes que, poderoso, adorava torná-los permanentes.

Ela era a sua Gradiva, imutável e eterna.

Modigliani e Jeanne

Este amor durou quase tanto como um suspiro. Foi, por isso, sincero e sentido. O inevitável.

Ele pintou-a quase obsessivamente, mas não podia ter sido de outra forma. Era para lá que os seus olhos eram conduzidos, tinham vontade própria.

Sim, os seus olhos, complexos miradouros, que só se deixaram olhar pela alma dela. E a perscrutaram até,

satisfeitos, a conhecerem profundamente. E, por isso, não os pintou, até ter a certeza.

Ela era para ele uma musa, o paradigma inesgotável da beleza feminina. Pois é, o exagero faz parte do amor e fá-lo valer a pena.

Eles tinham que sentir intensamente. O tempo que tinham era um contentor pequeno, portanto, o conteúdo tinha que ser denso.

Ela morreu por ele. Fez todo o sentido, não podia existir incompleta.

Frida e Diego

Ela confrontou-se com um desequilíbrio injusto...
aceitou-o, assim mesmo.

Os sentimentos não se medem, mas ela sabia que não era amada na mesma medida em que amava.

Expelia violentamente o seu avesso contra as telas e pintava-as com cores vivas, porque era assim que gostava, era assim que via.

E as flores? Essas, levava-as sempre na trança.

E as asas? Sempre as teve nos pés.

Picasso

Sujeito absolutamente singular, embora aparentemente colectivo.

Ele amava tanto, tão devota e intensamente... a arte.

Existiu por isso, foi essa a razão que o trouxe e o justificou.

As mulheres de verdade (não as desconstruídas analiticamente), amaram-no a ele, mas sobretudo ao desafio que era alcançarem o inatingível momento em que seriam o objecto da sua devoção.

Impossível.

Jaqueline Roque

Foi a derradeira e suprema inspiração.

Fernande Olivier

O primeiro amor fê-lo tingir as telas de rosa.

Essa fase desvaneceu-se naturalmente...

Dora Maar

Foi a sua musa privada que captava os seus mais profundos instantes.

Eva Gouel (Ma Jolie)

Picasso quis eternizar o que sentia por ela, deixou-o escrito, camuflado em várias telas - Ma Jolie.

A tinta secou, o coração endureceu, a paixão passou.

Olga Khokhlova

Encontraram-se em cena. Da intensidade do sentimento nasceu o primeiro filho, que lhe acrescentou mais sentido ao olhar e o fez trazer para as telas um pouco mais de verdade, um pouco mais da sua própria realidade.

Marie-Thèrese Walter

Passaram um pelo outro na rua e imediatamente ela o cativou. Foi parte de uma longa história escondida, um segredo secreto.

Ela aceitou a sua condição, recebendo apenas o eco do seu amor.

Françoise Gilot

Foi um romance de dez anos. Ele gostava dela, tinha mais cor que qualquer outra. Admirava a sua beleza e não deixou sequer que o cubismo a deformasse.

Ao contrario das outras mulheres, ela não aceitou o desafio, não quis um amor segmentado e distribuído.

Deixou-o.